**CAPÍTULO V – O PODER DOS JUROS COMPOSTOS**

Ao tratarmos de juros, parece-nos evidente que se existem os que chamamos de compostos, certamente existirão os que não são compostos, correto? Chamá-los-emos de juros simples, pois é assim que devem ter sido oficialmente chamados desde que surgiram, e não seremos nós que iremos pretender mudar isso. A nossa ênfase será para O Poder dos Juros Compostos

Pedimos desculpas por esta forma menos ortodoxa de iniciarmos um capítulo, mas motivou-nos a intenção de tornar mais amenas e menos sisudas estas mal traçadas linhas de apresentação

Feita esta ressalva e deixando de lado os entretantos para passar logo aos finalmentes, vemos que muitos investidores, alguns de renome internacional, como Warren Buffett, consideram os juros compostos um poderoso instrumento de remuneração de nossas aplicações financeiras, chegando mesmo a classificar seus resultados como “o milagre dos juros compostos”, quando aplicados aos investimentos a longo prazo, que é o nosso foco e também o do citado megainvestidor, assim como de outros expoentes do mercado de capitais.

Há quem, militando nesta área, pretenda fazer o mesmo sucesso que fez e continua fazendo o Senhor Buffett, copiando-lhe a carteira de investimentos, o que é uma utopia, pois ele se encontra neste ramo já há muitos anos, tendo começado sua saga quando provavelmente muitos de nós sequer havíamos nascido, estando, portanto, muito à nossa frente, e sua carteira deve ter um valor tão elevado que até ¨dava medo de ver”, como dizia o bordão de um amigo, e deve fazer girar periodicamente um volume de recursos das mesmas proporções.

Copiar Warren Buffett é, além de utópico, uma quimérica fantasia, e teríamos que tentar fazê-lo da mesma forma como ele, há muito tempo, começou sua carreira, mas já de imediato esbarraríamos num obstáculo que dificilmente conseguiríamos superar, mas que é fundamental para se atingir aquele objetivo, que é termos a mesma privilegiada visão que ele tem para negócios financeiros e uma sólida e vencedora estratégia de longo prazo dirigida à renda variável.

Às vezes deveríamos pensar sobre o que é que o Warren fazia quando começou ou quando já estava no nível em que nos encontramos hoje, o que não quer dizer que estejamos em algum nível assim tão adiantado, mas pelo menos já deixamos de ser iniciantes e estamos nos esforçando para galgar mais um degrau nesta escalada. Dá a impressão que o Buffett nunca quebrou a cara ou sofreu algum prejuízo em seus negócios, e que subiu em linha reta sem sequer estagiar no degrau financeiro em que ora estamos estacionados.

Isto posto, vamos retomar a questão dos juros, sejam compostos ou simples e da diferença entre eles. Nos juros simples, que é com que a maioria de nós tem contato, a incidência é linear, ou seja, sobre o valor inicialmente investido, o qual permanece o mesmo durante todo o período, do início ao fim do prazo combinado. Assim, quem investir 10 mil reais, a uma taxa de 12% ao ano, a juros simples, pelo prazo de um ano, terá ao final dos 12 meses, onze mil e duzentos reais, um ganho de 12 por cento sobre o valor aplicado, ou seja, R$ 1.200,00. Já nos compostos, os juros são incorporados ao capital a cada 30 dias, pelo que a partir já do segundo mês são capazes de mostrar a que vieram e colocam este investimento sob sua vigência e que, no caso em questão, produzirá um resultado final de R$ 11.268,25.

Parece pouco, mas consideremos que o capital investido tende a crescer com o reinvestimento dos proventos, com novos aportes que façamos e com a valorização dos ativos que, em sendo de boas empresas, acrescenta um potencial enorme ao contexto. E essa mesma aplicação, se estendida para 20 anos, resultaria trinta e dois mil reais, nos juros simples, e nada mais nada menos que cento e dezoito mil reais nos juros compostos.

Esse é o diferencial impressionante dos juros sobre juros, da bola de neve que eles podem gerar e da renda vitalícia de que o investidor poderá desfrutar em 20 anos. Entretanto, chegar a esse resultado impõe que o investidor seja uma pessoa disciplinada, que mantenha regularidade em seus aportes e reinvestimentos e dedique atenção especial à seleção das empresas que farão parte de sua carteira. Depois é administrar isso tudo ao longo do tempo e bem antes dos 20 anos programados o investidor já estará desfrutando da sua merecida liberdade financeira.

Começar cedo é uma das premissas do mercado financeiro e costumo brincar dizendo que o melhor dia para se começar a investir foi o de ontem, sendo que o dia de hoje é a melhor opção para o plano B. Muita gente, com 50 e 60 anos de idade, às vezes pergunta “eu tenho esta idade e ainda não comecei, será que dá tempo? ¨ Minha resposta é comece hoje mesmo, agora! Para os mais jovens, que cogitam deixar para começar mais pra frente, eu recomendo que não façam isto, comecem o quanto antes, não percam tempo.

Um dos meus acertos nesta área foi ter começado cedo, mas, infelizmente, do jeito errado. Eu me formei na Faculdade de Odontologia quando tinha 21 anos e meio e já com 22 iniciei minha incursão pelo mundo dos negócios, trabalhando como dentista, fazendo especialização em ortodontia, procurando entender a vida. Investi sem qualquer conhecimento do mercado, fiz muita coisa errada e andei perdendo um bom dinheiro. À época não tinha cartão de crédito ou de débito. Meu pai abriu uma conta Cheque Especial no Banco em que ele trabalhava e com ela veio o esperado cartão. Iniciante ainda, mas me ¨achando o rei da cocada branca,¨ que tinha domínio sobre tudo e conhecia geral, bati cabeça por um bom tempo e logo aprendi, sozinho, que meu cartão tinha um limite de dois mil reais, o qual, somado ao meu saldo de cinco mil, perfaziam sete mil reais, valor de que eu dispunha para gastar como bem entendesse.

Quando chegou a fatura, ao ver que o saldo estava negativo em quase oito mil reais e já programava um débito astronômicos de juros, (de que meu pai já me houvera falado quando me apresentou a Sua Alteza o Cheque Especial, fala à qual não dera atenção e de que nem mais me lembrava), retomando, juros que eram devidos, tendo em vista eu ter ultrapassado o limite. Foi quando aprendi a lição de que eu não dispunha do limite para gastar como bem entendesse e que, quando o fizesse, ser-me-iam cobrados pesados juros.

No mês seguinte, tentando normalizar as coisas, percebi que na minha fatura, agora dentro do valor, mas tomando quase que todo o limite, estava registrada a possibilidade de pagar um valor mínimo, e foi o que eu fiz, paguei o mínimo e não deu outra, estourei novamente meu limite, tive uma advertência com alerta de que, em caso de reincidência, poderia ter cassada a concessão do cheque especial. E quem vocês pensam que me fez essa advertência e alerta? Meu pai? Acertaram...

Mas, você que está me dando a honra de compartilhar estas minhas lembranças, que são cabíveis em estudos como este, interessado em aprender do jeito certo, aceite meu conselho, comece o quanto antes, este livro vai lhe ensinar tudo de que você precisará para adquirir expertise suficiente para ser vencedor, ou vencedora.

Ensine seus filhos a, já ao deixarem o ensino fundamental, aos 17 ou 18 anos, se dispuserem de uma mesada, tentem começar a fazer seus investimentos, por pequenos que sejam, pois quando estiverem com 40 anos de idade e até mesmo bem antes disso, poderão já desfrutar de rendas passivas que lhes darão a liberdade financeira que terão sido seus objetivos. Outros aspectos importantes e de que já falamos bastante são o reinvestimento dos proventos e a equilibrada seleção das empresas, aspecto que inclui considerar o investimento na bolsa americana, que, reiteramos, é a maior do nosso planeta.

Poderá haver momentos em que iremos ter turbulências na Bovespa, mas lá nos Estados Unidos vai estar tudo bem, outros em que passaremos por uma fase ruim para os fundos imobiliários, mas as ações estarão dando conta. Como já dissemos anteriormente, o mercado financeiro é muito sujeito a esse tipo de instabilidade, com a qual nos habituamos e aprendemos a lidar.

No meu modo de ver, penso que o investidor é um eterno arrependido, pois que se ele investir em um papel que na sequência tenha uma boa alta em sua cotação, vai se dizer arrependido por não ter colocado mais dinheiro naquele ativo. Se acontecer o contrário ele se dirá arrependido por não ter antevisto a possibilidade de queda, através do estudo do papel.

Peço licença para fazer um parêntesis, para dizer que isso de compartilhar a carteira de investimentos acontece até comigo e com gente da minha consultoria, mas o meu compartilhamento não implica em que se invista na mesma ação, no mesmo fundo imobiliário, ou se faça as mesmas operações de venda e compra. Mas quem participa dessa consultoria tem acesso também às aulas que fazemos uma ou duas vezes no mês, onde mostro o que estou fazendo com meus investimentos e compartilho minhas estratégias, pois o que pretendo, assim procedendo, é que meus alunos entendam o que está sendo executado e levem esse conhecimento para a realidade de cada um, de acordo com o valor e os papeis em que têm investido.

Temos tratado de juros, simples e compostos, porém sempre referentes a investimentos, a nosso favor. Mas, e se, para termos um parâmetro de comparação, bem como para mudar o enfoque e dar uma “espairecida”, estendêssemos os parêntesis do parágrafo anterior e falássemos dos juros quando incidentes sobre dívidas que tenhamos para pagar, já vencidas? É o tipo de situação que não desejamos a ninguém, pois imaginem ficarmos inadimplentes com cheque especial, cartão de crédito, crédito pessoal ou algo da espécie. É preciso se ter muito cuidado para não entrar nessa, pois são alarmantes as taxas cobradas pelos bancos e outros estabelecimentos de crédito. Por exemplo:

Cartão de crédito: 423% ao ano. Parcelamento do cartão: 200% a.a.

Crédito pessoal 119% a.a. Cheque especial 150% a.a.

Dá medo de ver, não é mesmo? Estas taxas, que correspondem à média do mercado, estão calculadas com base nos juros compostos, dos quais sugerimos que nos mantenhamos o mais distantes que pudermos. Se possuirmos um cartão de crédito, o que hoje é muito comum, temos que fazer até o impossível para quitarmos integralmente no vencimento o saldo devedor que houver, pois se pagarmos apenas aquela parcela mínima, teremos que nos sujeitar a uma taxa média de juros de 200 por cento ao ano, incidindo sobre o saldo devedor da fatura mensal, taxa que pode mais que dobrar caso não consigamos pagar nem o mínimo estipulado.

Para muitos estabelecimentos comerciais, lojas dos mais diversos segmentos, a possibilidade de emprestar dinheiro a seus clientes, de forma fácil e sem burocracias, via crédito pessoal, se tornou uma alternativa altamente lucrativa, às vezes mais rentável que a própria venda de seus produtos. Assim, cientes de que, naquela inocente prestaçãozinha de eventual crédito pessoal a que tão facilmente tivemos acesso, estarão embutidos juros de quase cento e vinte por cento ao ano, temos que bravamente resistir aos apelos consumistas do mercado, ou, caso não o façamos, termos o desprazer de amargarmos ver a bola de neve funcionando contra nós, com um poder tão devastador que pode chegar ao extremo de que, para pagar as prestações de um crédito pessoal já contratado e mal planejado, tenhamos que fazer mais um, em outro estabelecimento, e um terceiro, e um quarto Uma situação assim na maior parte das vezes vai parar no Serasa e no SPC, com o nome do ou da cliente sujo na praça.

Voltemos ao nosso tema e ao nosso amigo Senhor Warren Buffett, que tem uma frase que mais ou menos quer dizer o seguinte: “quanto mais tempo o investidor puder manter seus papeis, reinvestir os proventos e fazer novos aportes, será melhor para ele. Aqui ele falou o óbvio ululante, mas percebem como esta frase é semelhante à nossa filosofia de investimentos? Acrescente-se aí uma pitada de juros compostos e a renda variável e veremos o projeto andar mesmo.

Sentimos faltar a essa estrutura, o mercado financeiro, que se consiga junto a quem de direito, que ainda durante o ensino fundamental, sejam incluídas no currículo escolar aulas sobre investimentos, com ênfase no longo prazo, na renda passiva e na liberdade financeira, tudo assentado sobre uma base realista de planejamento, estratégia, disciplina, reinvestimento dos rendimentos e seleção rigorosa das empresas que comporão a carteira do investidor, finalizando com informações sobre juros simples e compostos e suas perspectivas tanto na renda fixa quanto, principalmente, na renda variável.

Seria muito benvinda essa alternativa, vamos continuar a falar dela e a pedir por ela e quem sabe vençamos pelo cansaço. Diz um antigo ditado que “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”. Vale a pena tentar, não é?